

## ESPOROTRICOSE FELINA: RELATO DE CASO

Esther Pischke Schneider<sup>1</sup>  
 Sandra De Bona Hans<sup>2</sup>  
 Merlin Moura<sup>3</sup>  
 Rafael Festugatto<sup>4</sup>  
 Fernanda Pinheiro<sup>5</sup>  
 Tatiane Lusa<sup>6</sup>  
 Simone de Fátima Rauber Wurfel<sup>7</sup>

**INTRODUÇÃO:** A esporotricose é uma micose subcutânea causada por fungos do complexo *Sporothrix schenckii* que pode ocorrer tanto no homem como numa grande variedade de animais (LACAZ; PORTO; MARTINS, 1991). A doença tem potencial zoonótico, envolvendo indivíduos em contato direto com animais doentes. No entanto, a maioria das infecções ocorre por meio de ferimentos causados por espinhos, farpas de madeira ou arame, uma vez que o fungo pode ser encontrado no solo, crescendo em plantas, cascas de árvores, vegetais e material em decomposição (BRUM *et al.*, 2007). Nos animais de companhia, a esporotricose é frequentemente diagnosticada em felinos, podendo manifestar-se na forma cutânea localizada, cutânea linfática ou cutânea disseminada. Há tendência de evolução da doença por vias aéreas ou digestivas, podendo levar à disseminação sistêmica. Nos gatos, as lesões geralmente são localizadas na parte distal dos membros, cabeça ou base da cauda (LARSSON, 2011; MARQUES *et al.*, 1993; NOBRE *et al.*, 2002). De acordo com Larsson (2011), uma maior incidência da esporotricose em gatos é observada em machos com livre acesso à rua, os quais podem se infectar devido ao hábito de brigar com outros gatos, mas a contaminação também pode ocorrer por meio de feridas. Na maioria dos casos, os felinos infectam outros animais ou os seres humanos através da arranhadura e/ou mordedura e, devido à dificuldade no diagnóstico precoce, morrem naturalmente ou sofrem eutanásia. **OBJETIVO:** Apresentar um caso clínico de esporotricose felina, abordando diagnóstico e tratamento. **METODOLOGIA:** Foi atendido um felino doméstico, adulto, sem raça definida, apresentando múltiplas lesões na face, orelhas e narinas. Devido à presença das lesões, o felino foi manuseado com cuidado, utilizando-se luvas, havendo ainda restrição de acesso do animal às outras áreas para evitar uma possível contaminação ambiental, em virtude do fluxo intenso de pessoas e animais no local. O felino foi examinado e, devido a suspeita de esporotricose, foi coletado material e enviado ao laboratório para realização de cultura fúngica. Antes mesmo de obter-se o resultado laboratorial, a responsável pelo animal foi orientada a ter os devidos cuidados, não deixando o felino ter contato com outros animais, mantendo-o dentro de casa, além do cuidado no manuseio do animal, com o auxílio de luvas. Além disso, iniciou-se imediatamente o tratamento com itraconazol. Após confirmação laboratorial da doença, a vigilância sanitária foi notificada por se tratar de uma zoonose, devido ao risco de contaminação de outros animais e de seres humanos. Foi associado ao tratamento o iodeto de potássio em cápsula, com acompanhamento clínico a cada duas ou três semanas, porém o felino apresentou reação ao medicamento, o qual foi então suspenso por um tempo devido à acentuada perda de peso. Manteve-se então apenas

<sup>1</sup> UCEFF Faculdades. Discente do curso de Medicina Veterinária. E-mail: estherpschneider@gmail.com

<sup>2</sup> UCEFF Faculdades. Discente do curso de Medicina Veterinária. E-mail: sandrahans@uceff.edu.br

<sup>3</sup> Médica Veterinária. Clínica geral. E-mail: mouramerlin@gmail.com.

<sup>4</sup> UCEFF Faculdades. Docente do curso de Medicina Veterinária. E-mail: rafael.vet@uceff.edu.br.

<sup>5</sup> UCEFF Faculdades. Docente do curso de Medicina Veterinária. E-mail: fernanda.pinheiro@uceff.edu.br.

<sup>6</sup> UCEFF Faculdades. Docente do curso de Medicina Veterinária. E-mail: ftatiane.vet@uceff.edu.br.

<sup>7</sup> UCEFF Faculdades. Docente do curso de Medicina Veterinária. E-mail: simone.vet@uceff.edu.br.

o tratamento com itraconazol e acompanhamento clínico a cada duas ou três semanas, havendo uma melhora progressiva. O tratamento foi realizado por três meses, o felino respondeu muito bem e obteve melhora clínica satisfatória ao final desse período. **DISCUSSÃO:** Dentre os animais, o felino possui maior facilidade de infecção por fungos do complexo *S. schenckii*, geralmente apresentando lesões cutâneas localizadas, que são diagnosticadas preferencialmente utilizando o método de cultura fúngica (RIVITTI, 2018). Para o tratamento da esporotricose, o medicamento mais indicado é o itraconazol, sendo o iodeto de potássio uma alternativa, apesar da possibilidade de apresentar reações adversas (JAMESON *et al.*, 2020), como foi observado no presente caso. Ainda, de acordo com Jameson *et al.* (2020), a continuidade do tratamento é muito importante durante um período de três a seis meses para garantir um resultado significativo. No presente relato, três meses de tratamento foi o suficiente para o animal apresentar melhora clínica satisfatória. Meneses (2012) relata um caso de esporotricose semelhante a este, onde um felino foi arranhado por outro na região do focinho, passando a se alimentar de forma irregular após certo período, além de apresentar lesões na região da face com cicatrização lenta. Após exames, que confirmaram o diagnóstico de esporotricose, iniciou-se o tratamento com itraconazol (10mg/kg/dia), observando-se melhora clínica a partir do 15º dia após o início do tratamento, que perdurou por três meses até sua efetiva cura. **CONCLUSÃO:** O diagnóstico precoce da esporotricose é de grande importância, uma vez que, não tratando em tempo hábil, a doença pode levar o animal a óbito, além do alto risco de contaminação para os seres humanos. O comprometimento e colaboração entre os tutores de felinos contaminados e os Médicos Veterinários é essencial para evitar a propagação da doença. Além disso, os animais infectados não devem ser abandonados devido ao maior risco de disseminação da doença.

**Palavras-chave:** Gato. Micose. *Sporothrix*. Zoonose.

## REFERÊNCIAS

- BRUM, L. C.; CONCEIÇÃO, L. G.; RIBEIRO, V. M.; HADDAD JUNIOR., V. Principais dermatoses zoonóticas de cães e gatos. **Clínica Veterinária: Revista de educação continuada do clínico veterinário de pequenos animais**, São Paulo, ano XII, n. 69, p. 38-40, 2007.
- JAMESON, J. L.; FAUCI, A.; KASPER, D.; HAUSER, S.; LONGO, D.; LOSCALZO, J. **Medicina Interna de Harrison**. 20. ed. Traduzido, Porto Alegre: Artmed, 2020. 4048 p.
- LACAZ, C. da S.; PORTO, E.; MARTINS, J. E. C. Esporotricose e outras micoses gomosas. *In:* LACAZ, C. da S.; PORTO, E.; MARTINS, J. E. C., **Micologia médica: fungos, actinomicetos e algas de interesse médico**. São Paulo: Sarvier, 1991. p. 233-247.
- LARSSON, C. E. Sporotrichosis. **Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science**, São Paulo, v. 48, n. 3, p. 250-259, 2011.
- MARQUES, S. A.; FRANCO, S. R. V. S.; CAMARGO, R. M. P.; DIAS, L. D. F.; HADDAD JÚNIOR, V.; FABRIS, V. E. Esporotricose do gato doméstico (*Felis catus*): Transmissão humana. **Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo**, São Paulo, v. 35, n. 4, p. 327-330, 1993.

MENESES, M. da S. **Esporotricose Felina – Relatos de Casos**. 2012. 32 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização Clínica Médica de Pequenos Animais) – Universidade Federal Rural do Semí-Árido – UFERSA, Porto Alegre. 2012.

NOBRE, M. O.; MEIRELES, M. C. A.; CAETANO, D. T.; FAÉ, F.; CORDEIRO, J. M. C.; MEIRELES, R. M.; APPELT, C. E.; FERREIRO, L. Esporotricose zoonótica na região sul do Rio Grande do Sul (Brasil) e revisão da literatura brasileira. **Revista brasileira de Ciência Veterinária**, v. 9, n. 1, p. 36-41, 2002.

RIVITTI, E. A. **Dermatologia de Sampaio e Rivitti**. 4. ed. São Paulo: Artes Médicas, 2018. 1648 p.